

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MACHADINHA VOTIVA DE CARIÑO, LA CORUÑA.

LUENGO Y MARTINEZ, José Maria

Ano: 1964 | Número: 74

Como citar este documento:

LUENGO Y MARTINEZ, José Maria, Machadinha votiva de Cariño, La Coruña. *Revista de Guimarães*, 74 (1-2) Jan.-Jun. 1964, p. 149-157.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Machadinha votiva de Cariño (La Coruña)

Por JOSÉ MARIA LUENGO Y MARTINEZ.
Delegado Provincial de Escavações
Arqueológicas de La Coruña.

O jornal «La Voz de Galicia», de 30 de Junho de 1963, deu notícia do achado de um objecto antigo na praia de Cariño. Três dias depois o Ex.^{mo} Cronista da Cidade de La Coruña, Snr. Don Juan Naya Pérez, enviou-me uma fotografia desse objecto, que logo me revelou a sua grande importância e me induziu a dirigir-me imediatamente ao Senhor Governador Civil, para lhe rogar que fossem cumpridos os trâmites regulamentares estabelecidos na nossa legislação sobre Escavações Arqueológicas, ao abrigo da qual a peça deveria ser apreendida. Assim se fez, sendo-me entregue em 31 de Agosto do mesmo ano, conforme seguidamente noticiou também aquele jornal corunhês.

A referida peça tinha sido encontrada acidentalmente naquela praia, entre umas pedras, no dia 14 de Julho de 1961, no sítio chamado «La Bastera», por António Yañez Picos, o qual a ofereceu a um seu irmão de nome Leopoldo, residente no Ferrol, que por sua vez tinha feito entrega dela ao Ayuntamiento daquela cidade.

Trata-se de uma machadinha votiva, de bronze, com 17 centímetros de comprimento por 6,2 de largura na parte anterior do cabo (*Figs. 1 e 2*).

O cabo, de secção quadrangular com as esquinas arredondadas, remata, na extremidade oposta à lâmina, por um cavado no qual se insere uma pequena esfera, que conserva aderentes umas rebarbas resultantes do seccionamento feito por esse ponto do cone de fundição da peça. Na outra extremidade encontra-se a lâmina

da machadinha, entre dois anéis e tendo sobre o talão, de um lado, uma *patera* com seu umbo central em relevo, e, do outro lado, um *torques*; como remate da parte superior, vê-se o prótomo de um touro, com a pelagem bem marcada dos dois lados. No dorso do touro, bem como na extremidade oposta do cabo, existem dois anilhos.

O estado de conservação da peça é perfeito. Apresenta uma forte pátina escura e lustrosa, aliás perdida em alguns pontos, talvez pelo atrito com a areia da praia, ou porque a tenham roçado propositadamente para averiguarem se por acaso seria de ouro.

Em face das características que acabamos de descrever, pode classificar-se este achado como de uma machadinha votiva comemorativa de um *taurobolium*. É o que se infere da representação do touro — a vítima imolada — da *securis* o instrumento da execução, e da *patera*, recipiente sagrado utilizado para nele ser recolhido o sangue derramado e depois ofertado na *ara*. Quanto ao *torques*, posto não seja considerado objecto sagrado, era contudo um símbolo de dignidade e nobresa celta. Somos portanto levados a concluir que o *taurobolium* tivesse sido oferecido por um indígena e não por um romano, devendo assim atribuir-se a este objecto um carácter celto-romano e considerá-lo fabricado certamente em terra galaica. De tudo isto ressalta a grande importância científica desta peça, tanto mais que se trata de um exemplar único na Arqueologia hispânica.

Para a fixação da sua data, devemos ter em atenção que a machadinha de Cariño oferece analogias com a *securis* que vemos empunhada pelo sacerdote sacrificador na *suovetaurilia* representada na *Ara Pacis Augustae*, erigida em Roma no ano 13 a. C. Tal *securis* apresenta, como a de Cariño, o cabo terminado por um remate esferoidal, e a forma da lâmina é também igual à de Cariño. Podemos datar, por consequência, do século I de J. C. esta machadinha de Cariño.

Também na *Ara Pacis* aparece, como aqui, um *torques*: ostenta-o, ao pescoço, o pequeno Gaio César — que se vê entre Agripa e Lúvia —, em substituição da costumada *bullae aureae*, de origem etrusca, que, com a *tunica praetexta*, usavam os jovens da nobreza romana até os desassete anos de idade. Este *torques* que o pequeno Gaio mostra é possível que representasse um produto

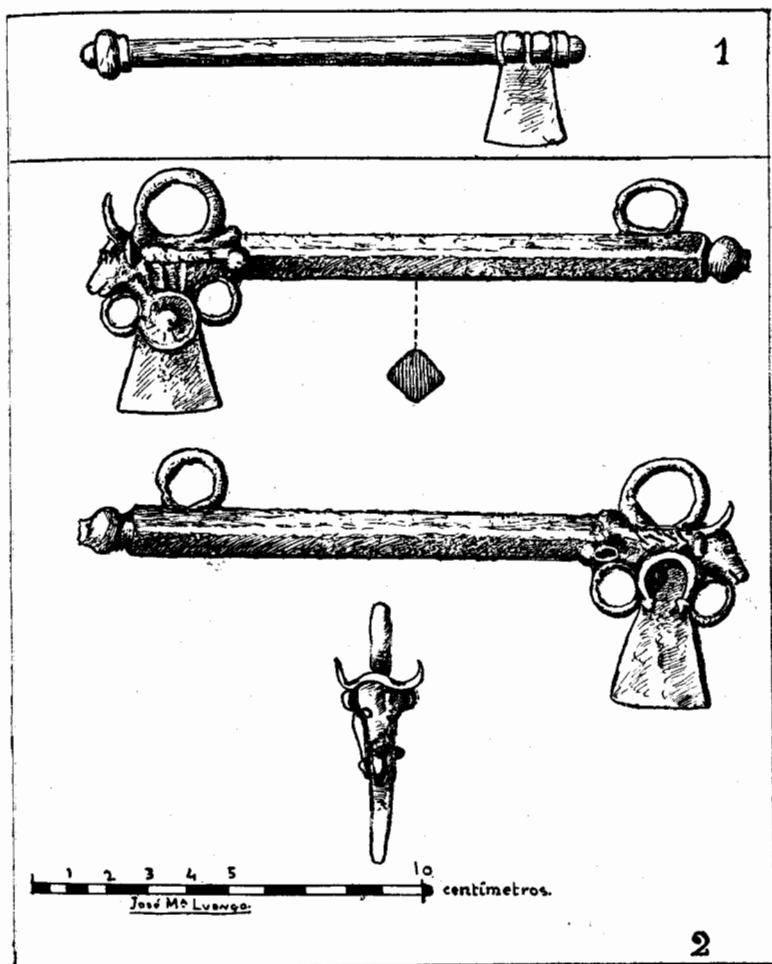


Fig 1

1 — «Securis» da Ara Pacis Augustae.

2 — Aspectos da machadinha votiva de Cariño (La Coruña).

da rapina romana em terras dos Ástures, então recentemente conquistadas, quando se erigiu a primeira Ara da Paz, pormenor este ao qual nunca vimos fazer qualquer alusão.

Esta classe de *torques* com aro de secção redonda ou quadrada e remates em forma de glande, é frequente em achados na Galiza, entre os quais podemos citar cinco de Foxados, bem como os de Villadóniga, Centroña, Fisteos e Curtis; aparecem também gravados em cipos funerários da região *vadiniense*, que se guardam no Museu Arqueológico de Leon, como igualmente são frequentes em Portugal (1).

O carácter votivo da machadinha de Cariño está bem patente nos dois anéis de suspensão, que eram certamente ligados por uma corrente, na qual engataria uma outra, sistema este muito usado pelos romanos. Dos dois anéis que se vêem de um e outro lado da folha da machadinha pendiam talvez cadeias com pequenas campainhas suspensas, tal como existem na notável representação de um falo votivo, procedente de Sasamón (2).

Peça inteiramente análoga a esta de Cariño, posto não se trate de um machado, é o notabilíssimo ex-voto português de Castelo de Moreira, cuja haste de suspensão termina numa das extremidades por uma cabeça de touro, e simboliza, tal como a machadinha que deu lugar ao presente estudo, uma representação dos animais que intervieram na cena sacrificial que se comemora com o referido objecto votivo (3). Esse magnífico ex-voto português terá, possivelmente, maior antiguidade que a machadinha de Cariño, visto tratar-se de um exemplar de puro carácter indígena, cuja forma e dispositivo deixam transparecer um tipo precursor do hispânico, já romanizado.

(1) Xesús Carro e Sebastián González, «O Tesouro de Foxados», *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*, VI pp. 87 ss.

Florentino López Cuevillas, «Os torques do Noroeste hispanico», *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*, IV, pp. 97 ss.

(2) «El falo romano de Sasamón», *Anuario de Prehistoria Madrileña*, IV-V-VI, p. 217.

(3) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, Lisboa 1905, vol. I, p. 290.

O culto tributado ao machado é um dos mais antigos da História. Começa no Paleolítico inferior, faltando no superior, para renascer com pujança, após o Asturiense, na época neolítica, durante a qual o símbolo do machado-divindade aparece representado em dólmenes, atingindo a sua fase culminante no Eneolítico, como o testemunham as gravuras das pedras dolméticas de Gavrinis (Morbihan). Já em plena Idade do Bronze, aparecem machados-amuletos de barro, forrados de bronze, e as suas representações como ídolos vêem-se nas insculpturas rupestres galaicas, tais como as de Peña del Castriño (Santiago) (1).

Em machados do Bronze Atlântico, aparecem por vezes figuras esquemáticas antropomorfas representativas da divindade, o que lhes imprime a característica própria dos objectos de culto, como acontece num exemplar notável procedente de Alijó (Portugal) e também num outro de Lancia (Léon) existente na Colecção da Comissão de Monumentos Históricos e Artísticos daquela província espanhola (2). São igualmente frequentes dessa época os machados cujo carácter votivo se evidencia na conservação dos munhões de fundição, que tornam possível a sua colocação na posição vertical, como acontece com os achados em Mazareda (Lugo) (3) e em Vilela Seca (Chaves, Portugal) (4). Alguns arqueólogos são de opinião que estes machados conservando o cone de fundição não desempenhariam especialmente a função de amuletos, sendo apenas exemplares que ficaram por acabar de aperfeiçoar. Não obstante, parece poder confirmar-se a sua qualidade de ex-votos, segundo o parecer de Mata Carriazo, nas palavras seguintes: «La

(1) Ramón Sobrino Buhigas, «Petroglifos compostelanos de la Edad del Bronce», *Faro de Vigo* de 1 de Agosto de 1935.

(2) José M.ª Luengo, «El periodo eneolítico y la Edad del Bronce en la Provincia de León», *Corona de Estudios que la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria dedica a sus mártires*, Madrid 1941, p. 135.

(3) Manuel Vázquez Seijas, «Hachas de bronce de doble anillo», *Boletín de la Comisión de Monumentos Históricos y Artísticos de Lugo*, V, p. 214.

(4) J. Sellés Paes de Villas-Bôas «Hallazgos del Bronce Atlántico en Portugal», *Homenaje a Júlio Martínez Santa-Olalla*, Madrid 1948, III, p. 36 e Lam. II, n.º III.

presencia en muchos ejemplares de un muñón o cono de fundición, que dificulta o impide el enmangamiento, coincidiendo con una elevada proporción de plomo, que las hace inadecuadas para el uso, llevan a pensar que tales piezas tuvieran carácter de exvotos u ofrendas religiosas. Contribuye a robustecer esta opinión la abundancia de escondrijos en los que solo aparecieron hachas como también el hallazgo de ejemplares muy pequeños, forzosamente votivos. El depósito más importante de hachas provistas de cono de fundición se halló en San Martinho de Bougado, cerca de Santo Tirso (Douro), Portugal. El lote, compuesto de 36 hachas, todas de talón y de dos asas, fué adquirido por Martins Sarmiento y se conserva en el Museo de su nombre, en Guimarães. Analizadas la mitad de estas hachas con otras de distintas clases y procedencias, resultó que las hachas de talón con una o dos asas y sin muñón era de bronce normal, mientras que las hachas de doble anillo provistas de cono de fundición contenían, sin excepción, fuertes cantidades de plomo: de 14 a 46 por ciento en el cuerpo de las hachas, y más del 50 por ciento, y hasta plomo puro en los muñones» (1). As análises mencionadas por Carriazo foram realizadas por Siret, cujos resultados ele publicou (2) e ainda há pouco foram citados num artigo de Mário Cardozo (3).

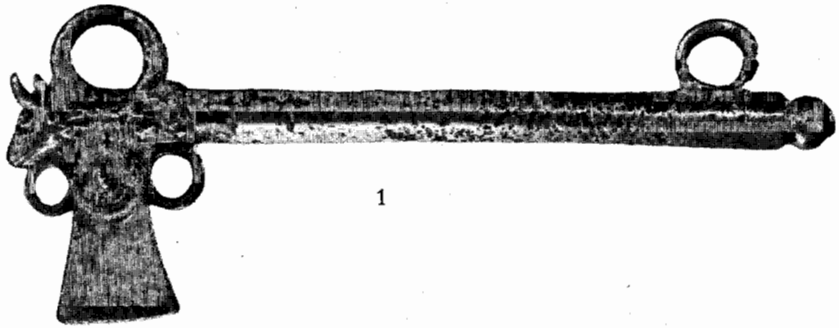
Aparecem também exemplares de uma só asa à qual se prendeu um aro para facilitar a sua suspensão, como apresenta um machado do Museu de Castelo Branco (Portugal) (4); são igualmente notáveis os simulacros de machados da Colecção de Gómez-Moreno, em especial um que apresenta um pé e cujo fio se encurva lateralmente, formando dois pequenos apêndices em disposição que

(1) Juan de Mata Carriazo, «La Edad del Bronce», *Historia de Espana*, dirigida por Ramón Menéndez Pidal, Madrid 1947, I, p. 803.

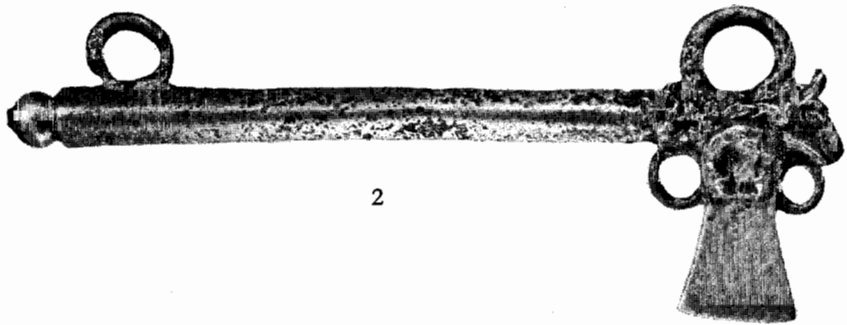
(2) L. Siret, *Questions de Chronologie et d'Ethnographie Ibériques*, Paris 1913, pp. 461-465.

(3) Mário Cardozo, «O arqueólogo Luís Siret e o Museu de Martins Sarmiento» *Revista de Guimarães*, LXXIII (1963), p. 115.

(4) J. Sellés Paes de Villas-Bôas, «Nuevos elementos del Bronce Atlantico en Portugal», *Cronica del II Congreso Arqueológico del Sudeste Español (Albacete 1946)*, p. 156 e fig. 2, n.º 4.



1



2



3

Fig. 2 — *Três aspectos da machadinha votiva de Cariño:*

1 e 2 — Dois terços do tamanho natural. — 3 No tamanho natural.

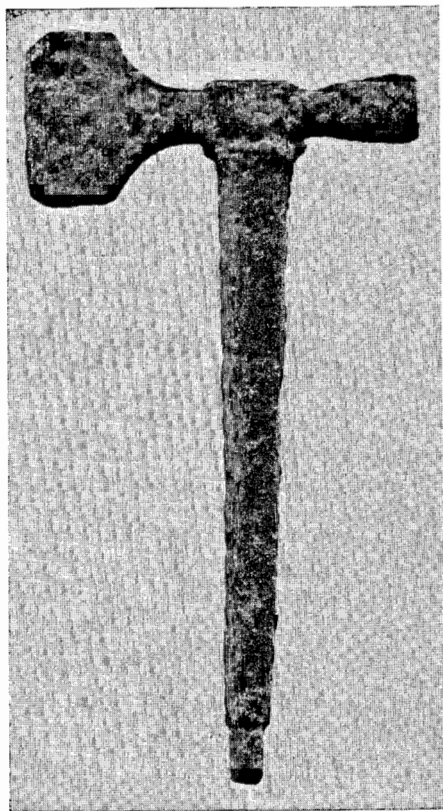


Fig. 3 — *Machadinha-martelo, de ferro, do Museu de « Martins Sarmento » (Guimarães).*

(No tam. nat.)

faz lembrar os machados sagrados transportados em barcas, que se vêem gravadas em navalhas de barbear, da Cultura do Bronze escandinavo.

Na época céltica dos castros hispano-lusitanos, o culto do machado continua, manifestando-se sob três aspectos conhecidos: num deles aparece como oferenda funerária em sepulturas de incineração, e com essa finalidade empregavam-se machados de pedra polida do período neolítico, os quais não apresentam indícios de uso como instrumentos de trabalho (1); ou então imitações de machados para se usarem pendurados, como o exemplar encontrado no castro de Seixas (Lugo) que se guarda no Museu Provincial de Belas Artes de La Coruña, costumes estes que denotam uma forte sobrevivência religiosa dos tempos da pedra polida; finalmente, o terceiro aspecto do machado como objecto de culto é-nos revelado pelas pequeninas machadinhas bipenes de bronze, algumas das quais encontradas em Portugal (2), tendo-se descoberto uma na província de León, no castro de Palatín, também muito pequena mas notavelmente ornamentada (3).

Na cultura micénica, o machado figurava como um dos mais importantes objectos do culto, sob a forma de bipene; de ali passou à Grécia, onde se encontram relevos figurando Zeus segurando na dextra o machado bipene. A identificação do machado com o deus do trovão deu lugar na cultura romana à crença de que os machados de pedra do período neolítico, a que chamavam *ceramii*, eram produto dos raios que caíam sobre a terra. Procedia-se então à consagração do lugar onde o machado era encontrado e praticava-se ali uma pequena cavidade, sobre a qual se sacrificava um cordeiro de dois anos, cercado o sítio com um *puteal* mais ou menos artístico, ornado de símbolos alegóricos a Júpiter, monumento este que recebia o nome de *bidental*, derivado da dentição do animal imolado — *bidens*.

(1) José M.^a Luengo y Martínez, *Excavaciones en el castro y sus necropolis de Meiras (La Coruna)*, Madrid, 1950, p. 91.

(2) Mário Cardozo, «Machadinhas castrejas», *Revista de Arqueologia*, Lisboa, 1937, p. 3.

(3) P. César Morán, «Excavaciones en castros de la Provincia de León», *Noticario Arqueológico Hispánico*, V, p. 118, Lam. VII-c.

No interessante Museu de «Martins Sarmento», em Guimarães, existe, segundo informação do seu director, o arqueólogo Mário Cardozo, uma pequena machadinha-martelo de ferro (*Fig. 3*), de procedência desconhecida, e que ainda se conserva inédita: a folha adelgaça apresentando uns chanfros na sua ligação ao cabo e, na parte oposta, existe um pequeno martelo; o cabo vai diminuindo de espessura até a extremidade. O seu pequeno tamanho (5 centímetros desde o fio à ponta do martelo, e 9 centímetros de comprimento do cabo) leva a supor que era peça destinada a servir de ex-voto. Quanto à sua classificação arqueológica parece tratar-se de um exemplar procedente das invasões bárbaras, pois a sua forma apresenta analogias com a dos machados publicados por Déchelette (1) como oriundos dessa cultura. Se de facto a machadinha do Museu de Guimarães pertence à mesma época, o seu significado é evidente: a parte da folha do machado simboliza o raio da Mitologia greco-romana, e o martelo é o instrumento representativo de Tor, o deus do fogo do céu da Mitologia nórdica. Isto demonstra que os suevos e visigodos assimilaram também o mito do raio-machado, que teve origem nas descobertas dos machados do período neolítico.

Esta superstição acerca das «pedras de raio», fortemente enraizada no povo espanhol, ainda hoje se conserva bem viva entre os nossos camponeses, convencidos de que onde aparece uma destas pedras não volta a cair outro raio. O mesmo acreditavam os romanos, motivo por que as «pedras de raio» figuravam no culto de Cibele, e, na Hispânia, eram colocadas nos diademas das deusas Isis e Juno. Os germanos usavam-nas, engastadas em ouro, nos seus capacetes, para evitarem as fulminações de Júpiter Tonante.

A crença no machado como produto do raio e simultaneamente amuleto preservador do mesmo penetrou assim profundamente em toda a zona do Noroeste peninsular, incluindo também Portugal (2). Muitas ma-

(1) J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie Préhistorique, Celtique et Gallo-Romaine*, Paris 1914, vol. II, p. 1357, fig. 593.

(2) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania* cit., p. 107; *Sur les amulettes portugaises*, Lisbonne 1892, p. 7.

chadinhas neolíticas consideradas como «pedras de raio» existem cuidadosamente conservadas em moradias leonesas: 36 recolhemos nós, durante uma tarde, em Palácios de Fontecha, onde eram conhecidas pelo nome de «espundias de rayo», algumas delas furadas para usar penduradas, dada a sua virtude de amuletos de protecção da pessoa dos seus portadores, tendo mesmo o Sr. Sanz Martinez deparado, no povoado de Grulleros, com um precioso exemplar ricamente encastado em prata e com um anel de suspensão. Em plena Idade Média, também o machado era um símbolo de poder sagrado, e como tal aparece inclusivamente empunhado por Jesus Cristo, numa das preciosas miniaturas da Bíblia de Ávila, do século XII.

O magnífico exemplar de Cariño constitui, portanto, uma nova prova e é mais um precioso contributo para o estudo deste culto milenário, o que o torna uma peça importantíssima, digna de figurar no futuro Museu Arqueológico de La Coruña.